

ÁFRICA DO SUL 2010: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EQUIPE BRASILEIRA PARA A COPA

Prof. Dr. Alexandre Palma¹

AQUECIMENTO

O brasileiro “nasce” técnico de futebol. Desde cedo é acostumado a dar palpites nos modos de jogar ou nas contratações/seleções de jogadores de seu time de coração ou das equipes representativas do Brasil nas competições internacionais.

Em ano de Copa do Mundo de Futebol a “síndrome” se agudiza e, talvez mais do que nunca, o brasileiro procura, com toda paixão, opinar sobre o trabalho dos treinadores de futebol.

Neste sentido, o presente texto tem o propósito fundamental de discutir tecnicamente algumas questões relativas à seleção e preparação dos atletas para a Copa do Mundo a ser realizada na África do Sul.

Dois aspectos, contudo, precisam ser esclarecidos desde já. O primeiro é que não tenho a pretensão de dar um parecer científico, embora tente escapar das armadilhas da paixão. O que pretendo é procurar algumas explicações técnicas, que estão fundamentadas no conhecimento científico e no *saber fazer*, isto é, em um conhecimento vivido na experiência prática. O segundo, já em consequência do primeiro, diz respeito à dificuldade de se avaliar longe do que está acontecendo. Por vezes, se faz uma análise técnica ou se opina apaixonadamente sobre as ações dos treinadores, mas sem vivê-la precisamente, sem saber o que de fato está ocorrendo dentro da equipe. Assim, uma conduta inadequada de um atleta que não é exposta na mídia pode ser a razão de uma decisão que desagrada muito.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Docente das disciplinas Fundamento do Futebol e Aplicação Pedagógica do Futebol

Outro ponto também precisa ser lembrado. Penso que, em uma revista científica, o *ponto de vista* é um texto com o propósito de polemizar, de criar controvérsias, de suscitar algum debate com o dito fora da norma. Como um jogo, é desta forma, portanto, que pretendo me arriscar.

PRIMEIRO TEMPO

Possivelmente, a primeira pergunta que todos fazem às vésperas da Copa é: quem são os favoritos?

Longe de querer “matematizar” um jogo de futebol e salpicar probabilidades, procurei realizar um levantamento das classificações das equipes nos últimos 40 anos de Copas, isto é, desde 1970. O Quadro 1 fornece uma síntese dos resultados e apresenta um importante dado referente à tradição. Brasil, Alemanha e Itália apresentam-se sempre favoritas e desde 1982, na Copa da Espanha, um destes países sempre esteve na final da competição.

Quadro 1. Colocações dos quatro primeiros colocados em cada Copa do Mundo e número de vezes em que foi campeão, finalista e semi-finalista

| Ano | Países | | | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|--------|----------|--------|-----------|--------|------------|---------|---------|---------|---------|--------|----------|---------|---------|---------------|----------|
| | Brasil | Alemanha | Itália | Argentina | França | Inglaterra | Holanda | Uruguai | Polónia | Bélgica | Suécia | Bulgária | Croácia | Turquia | Coreia do Sul | Portugal |
| 1970 | 1º. | 3º. | 2º. | | | | | 4º. | | | | | | | | |
| 1974 | 4º. | 1º. | | | | | 2º. | | 3º. | | | | | | | |
| 1978 | 3º. | | 4º. | 1º. | | | 2º. | | | | | | | | | |
| 1982 | | 2º. | 1º. | | 4º. | | | | 3º. | | | | | | | |
| 1986 | | 2º. | | 1º. | 3º. | | | | | 4º. | | | | | | |
| 1990 | | 1º. | 3º. | 2º. | | 4º. | | | | | | | | | | |
| 1994 | 1º. | | 2º. | | | | | | | | 3º. | 4º. | | | | |
| 1998 | 2º. | | | | 1º. | | 4º. | | | | | | 3º. | | | |
| 2002 | 1º. | 2º. | | | | | | | | | | | | 3º. | 4º. | |
| 2006 | | 3º. | 1º. | | 2º. | | | | | | | | | | | 4º. |
| 1º. lugar | 3 | 2 | 2 | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Finalista | 4 | 5 | 4 | 3 | 2 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Semi-finalista | 6 | 7 | 6 | 3 | 4 | 1 | 3 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |

Além destes países tradicionais, é possível acrescentar à lista de favoritos, em razão dos jogadores que possuem e dos jogos mais recentes que disputaram, a Argentina, a Espanha, a Inglaterra e a Holanda.

Cabe destacar que a França não teve uma boa participação nas eliminatórias e sua classificação somente se deu com um gol convertido após a polêmica “dominada” com a mão do jogador Henry no jogo contra a Irlanda na repescagem. No grupo B, a Coreia do Sul pode se apresentar como uma surpresa e penso, pelos jogos que vi, que a maior decepção da Copa pode vir das equipes africanas.

INTERVALO

O grupo do Brasil é constituído por Coreia do Norte, Costa do Marfim e Portugal. Os jogos seguem esta ordem e, neste sentido, tem um lado positivo e outro negativo. O positivo é que, teoricamente, os jogos mais fracos são os dois primeiros e confirmando as vitórias, a equipe brasileira enfrentaria Portugal para decidir o grupo. O aspecto negativo é que algum tropeço no início pode representar um grande problema.

Sobre os adversários, Portugal, sem dúvida, figura como a equipe mais forte que enfrentaremos. Há uma expectativa em relação ao craque português Cristiano Ronaldo, mas é preciso considerar que a equipe portuguesa se classificou na repescagem e após dois magros 1 a 0 sobre a Bósnia. A Costa do Marfim tem apresentado um bom futebol em jogos recentes. Por outro lado, pouco se sabe sobre a Coreia do Norte.

SEGUNDO TEMPO

Após o anúncio da lista de jogadores que irão à Copa, a imprensa em geral e os torcedores manifestaram a insatisfação com os selecionáveis. O clamor popular não adiantou para mexer com a posição dogmática do treinador Dunga. Contudo, penso que existia aí muita paixão e pouca razão. Desta forma, apresentarei algumas razões para justificar minha análise e assim tentarei fugir das armadilhas da emoção.

De imediato, é preciso destacar que Dunga nunca dirigiu uma equipe anteriormente. Nenhuma equipe! Ele começou técnico como técnico da seleção brasileira, o que me parece um disparate. Falta a ele a experiência de dirigir e treinar os jogadores, analisar os adversários e sua equipe, lidar com as adversidades. O sucesso nas eliminatórias e na Copa das Confederações (e mesmo um título na Copa do Mundo) ainda assim não justifica a escolha de seu nome. A fama de disciplinador também não. Acredito que a postura de atletas em busca de uma vitória importante se dá quando os membros da comissão técnica e o alto escalão das equipes criam esta própria situação. Se em competições passadas faltou “disciplina” é porque todo sistema permitiu.

Dos nomes que não foram convocados, a polêmica ficou em torno de quatro jogadores. Adriano, Neimar, Paulo Henrique Ganso e Ronaldinho Gaúcho. Vou tentar, então, comentar tecnicamente a seleção dos atletas. Penso que uma convocação de jogadores para disputar uma Copa do Mundo de Futebol, o treinador deveria atentar para três aspectos. Primeiro: nem todos os convocáveis participam dos jogos. O jogador Ronaldo Nazário (fenômeno), embora tido como campeão do mundo em 1994, não jogou um minuto sequer; segundo: é preciso convocar jogadores que possam ampliar o leque de opções. A convocação de muitos jogadores com o mesmo estilo de jogo, assim, seria contraproducente; e, terceiro: em uma competição esportiva, enfrentar jogadores experientes e de elevada qualidade é sempre um fator de preocupação.

Analisando a lista dos convocados destaco que há vários jogadores que já atuaram como volantes; há ainda, afora os oito convocados para atuarem no meio-de-campo, o Daniel Alves, o Gilberto e o Michel Bastos que vêm atuando pelo meio em seus times; além de não haver muita diferença técnica entre jogadores como Gilberto Silva, Felipe Melo, Josué, Kleberson, Daniel Alves, Gilberto, Michel Bastos, Elano e Júlio Baptista. Todos bons jogadores, mas previsíveis. Talvez diferenças em uma bola parada, mas nada tão significativo que se altere a ordem do jogo. Assim, possivelmente fosse interessante a convocação do Paulo Ganso e do Ronaldinho Gaúcho. O primeiro tem demonstrado grande habilidade; ampla visão de jogo; inteligência para conduzir as jogadas ofensivas e defensivas; qualidade do passe; participação efetiva na marcação dos adversários, a despeito da cultura brasileira em que o armador, inadequadamente, não realiza esta função; enfim atua para a equipe, para o jogo coletivo. Ronaldinho Gaúcho, por sua vez, após um longo período apagado, voltou a jogar bem pelo Milan. E se é verdade que alternou, em seu clube, bons jogos com outros ruins, é preciso destacar que na grande maioria destes jogos em que ele não atuou bem havia uma grande marcação individual sobre ele (terceiro item do que foi comentado no parágrafo anterior: preocupação dos adversários). Ademais, jogadores como Júlio Baptista e Kleberson vinham apresentando dificuldades e chegaram a amargurar a reserva em alguns jogos dos seus clubes. Considerando, ainda, que há jogadores (estes tantos volantes) que não entrarão jogo algum, convocar o Ronaldinho e deixá-lo na reserva para não “quebrar” o esquema poderia ser uma boa opção e não colocaria em risco a forma de jogar do treinador em caso de contusão de um destes volantes². Em uma

² Uma das acepções do vocábulo “volante”, no dicionário eletrônico Houaiss, é: *que se desloca continuamente; errante; nômade; vagabundo.*

situação de emergência, colocar o Ronaldinho poderia significar uma mudança na forma de jogar (se a equipe estiver precisando virar o placar de um jogo e/ou necessitar de um armador de jogadas) e, possivelmente, não haveria um sistema especial de marcação para ele, o que poderia surpreender o adversário.

Enfim, que diferença faz atuar com Gilberto Silva, Felipe Melo, Elano e Kaká ou com Gilberto Silva, Josué, Elano e Kaká ou ainda Gilberto Silva, Kleberson, Elano e Kaká? Contudo, quando se precisar de jogadores com características de armação das jogadas a seleção ficará *kakadependente*. Acredito, por outro lado, que o Ramires é que possa acabar se destacando no meio, se entrar nos jogos.

Entre os homens de frente havia a perspectiva de convocação do Adriano e o clamor pelo menino Neymar. Já estavam certos os nomes de Robinho, Luís Fabiano e Nilmar. Três jogadores com características mais ou menos semelhantes. São habilidosos, dribladores e leves, embora o Luís Fabiano tenha um pouco mais de força entre eles. Assim, era razoável que a opção fosse o Adriano e não o Neymar, uma vez que seria importante um jogador com outra característica, de força, “trombador”. Além disto, o Neymar teve uma atuação muito apagada no Mundial Sub-17 realizado em 2009 e, mais importante, pareceu não se importar com isso. O problema do jogador Adriano, e neste caso concordo com o Dunga, diz respeito à instabilidade emocional do jogador. Seria possível contar com o jogador na Copa? Como não se tem a resposta antecipada, o treinador optou pelo Grafite, que é talvez quem mais se aproxime desta outra característica.

FIM DE JOGO

Em que pese tudo o que foi destacado, o que mais me preocupa é a idéia de que há um grande esquema tático na equipe brasileira. Embora haja uma dedicação dos jogadores e uma participação maior (em relação a outras seleções brasileiras) na defesa, não há, de fato, nenhuma grande novidade tática na equipe.

O que me preocupa, então, é que a equipe brasileira sempre se valeu dos valores individuais. O que, por outro lado, era (ou foi) temeroso porque equipes mais bem armadas taticamente conseguiam neutralizar os jogadores brasileiros em algumas situações. Muitas vezes, um sistema de dobra, a marcação bem realizada, a preparação de jogadas ofensivas, de bolas paradas, enfim, a melhor preparação tática às vezes vencia a habilidade do jogador brasileiro. Obviamente, referindo-me de um modo genérico, havia, então, um certo equilíbrio nas disputas. O Brasil com inúmeros valores

individuais e outras equipes com grande aplicação tática. Porém, para a Copa da África do Sul, a seleção brasileira não se apresenta com jogadores muito habilidosos e não se vale de um grande esquema tático, embora querem fazer parecer que há.

De todo modo, fico na torcida para que tudo dê certo e sejamos mais uma vez campeões.